

CONSUMO DE ÁLCOOL ENTRE ESTUDANTES DO CURSO DE ENFERMAGEM DE UM MUNICÍPIO DO OESTE CATARINENSE

Mariestela Stamm *
Liamari Bressan **

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa quantitativa desenvolvida com 100 estudantes do curso de Enfermagem de uma universidade situada no Oeste de Santa Catarina. O objetivo foi identificar o consumo de álcool entre os estudantes. Os dados foram coletados através de questionário aplicado pelas pesquisadoras e analisados com base na literatura pesquisada. A idade dos respondentes variou de 18 a 31 anos, prevalecendo a idade de 21 anos. Dos participantes, 90 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino. O estado civil da maioria é o de solteiro(a) e a religião católica é que prevalece. Constatou-se que 30% dos participantes nunca consumiram bebida alcoólica. Dos que já consumiram bebida alcoólica, a idade do início foi entre os 12 e 16 anos, com exceção de quatro pessoas que iniciaram com seis anos, e cinco com sete anos. O ambiente onde o entrevistado bebeu pela primeira vez foi o meio familiar. Destes, 62% já ficaram embriagados e 57% não lembram quantas vezes. Foi constatado também que a maioria dos estudantes costuma beber em companhia de amigos e de familiares, de preferência em bares e em festas. A bebida mais consumida é a cerveja, seguida do vinho e de bebidas destiladas, e é consumida pelos estudantes no espaço da Universidade, sem nenhum controle.

Palavras-chave: Alcoolismo. Estudantes de enfermagem. Consumo de bebidas alcoólicas.

INTRODUÇÃO

O uso e a dependência de álcool é um fenômeno complexo e determinado por fatores genéticos, psicológicos e sociais. Estudos realizados em diferentes contextos socioculturais demonstram que na população de estudantes adolescentes e jovens o índice de consumo de álcool é significativo⁽¹⁾.

A palavra álcool tem o significado de “coisa sutil, coisa fina, enganadora”^(2:15). Tendo como base os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), observa-se que 80% dos casos de dependência química do mundo devem-se ao álcool, 10% ao álcool somado a outras drogas e 10% a drogas não alcoólicas⁽²⁾.

Beber faz parte da cultura brasileira, aumentando assim o número de usuários⁽³⁾. A bebida é facilmente encontrada por preços acessíveis, o que facilita ainda mais para o consumidor o seu consumo. Sabe-se, no entanto, que a sociedade, de certa forma, incentiva o consumo do álcool, pelo fato de ele ser encarado

de forma diferente, quando comparado às outras drogas.

Uma parcela significativa da população desconhece que o álcool também é uma droga psicotrópica, que atua diretamente no sistema nervoso central (SNC), provocando inúmeras alterações de comportamento. O efeito mais nocivo do álcool aparece no organismo depois de anos de ingestão. Trata-se, então, de uma destruição lenta e gradual dos órgãos vitais, quase sempre de forma que pode levar à morte. Outra maneira de destruição pelo uso contínuo do álcool surge em consequência do estado de embriaguez do indivíduo, como violência contra terceiros, acidentes de trânsito, resultando em uma série de transtornos para toda a sociedade⁽⁴⁾.

Geralmente, o primeiro contato com a bebida alcoólica acontece no próprio contexto familiar, num almoço em família, jantares, comemorações, passando, então, a fazer parte importante das confraternizações⁽⁵⁾.

* Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela UFSC. Professora do Curso de Enfermagem da UnC – Concórdia.

Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Promoção à Saúde (GEPEPS).

** Enfermeira pela Universidade do Contestado.

O primeiro episódio de intoxicação com o álcool tende a ocorrer no período da adolescência, considerando que os períodos do ensino médio e ensino superior são uma janela de alto risco para danos e problemas relacionados ao álcool⁽⁶⁾. A necessidade de se socializar e pertencer ao grupo faz com que o consumo de álcool aumente, e as pessoas não percebem que aos poucos estão ingerindo álcool em demasia. Uma pesquisa realizada na Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard, em Boston, identificou que 44% dos estudantes embriagam-se ocasionalmente e 74% deles dizem ter passado por esta experiência durante o segundo grau⁽⁶⁾.

Outro estudo realizado em uma faculdade do Ceará mostrou que o álcool acarreta inúmeros problemas nas atividades acadêmicas, tais como notória falta de atenção, ausência, atrasos, saídas antecipadas das aulas, reclamações e sono durante as aulas. Os acadêmicos relatam que encontram disposição para beber nos fins de semana, após as provas e finais das aulas⁽²⁾.

Uma pesquisa, realizada em um colégio público no município de Concórdia - SC, demonstrou que, mesmo sabendo que o álcool é prejudicial à saúde, 59% das adolescentes estudadas bebem pelo menos uma vez por semana e 16% beberam pela primeira vez com menos de doze anos⁽⁷⁾.

Dados estatísticos demonstram que, no Brasil, o álcool é responsável por 47% dos acidentes de trânsito (principal causa de morte entre jovens), por 41% dos homicídios, por um número expressivo de assassinatos, brigas e suicídios⁽³⁾. Outros apontamentos estatísticos indicam que aproximadamente 84% dos brasileiros fazem uso ocasional de bebida alcoólica; 21% a consomem diariamente e 19% têm uma embriaguez alcoólica semanal⁽⁸⁾.

Ao comparar o consumo de álcool entre jovens brasileiros, americanos e ingleses verifica-se que 25% dos adolescentes brasileiros estudantes bebem de maneira considerada perigosa, 25% também é a prevalência de consumo de álcool entre os ingleses, e 30% é a porcentagem de adolescentes americanos que relatam tomar cinco ou mais bebidas alcoólicas seguidamente em 30 dias⁽⁹⁾.

Foi constatado que no Brasil o consumo de álcool nas universidades tem sido motivo de

preocupação para os pais e para a sociedade, indicando que os estudantes começam a ingerir bebida de álcool muito cedo, quando o organismo ainda está em formação⁽¹⁰⁾.

O álcool tornou-se algo presente na maioria das ocasiões sociais, tornando-se difícil realizar festas e comemorações entre estudantes sem a presença de bebidas de álcool. Nesta fase, é comum formarem-se grupos para comemorações e bate-papos, e estes mesmos encontros acontecem regados de bebidas alcoólicas, tornando-se uma necessidade para os participantes ingerir álcool para se sentir bem no grupo⁽⁴⁾.

Embora seja uma droga legalizada e inserida na cultura, há restrições legais quanto à sua venda e o consumo. É proibida a venda de bebida alcoólica para menores de 18 anos e o Decreto-Lei 28.643, em vigor desde agosto de 1998, proíbe a comercialização de bebidas alcoólicas a menos de 100 metros dos estabelecimentos de ensino⁽¹⁰⁾. Na prática, o que se observa é o descumprimento desta lei, visto que o jovem consegue comprar bebida alcoólica sem apresentar nenhum documento. A falta de uma política adequada de controle da propaganda, geralmente associada aos "bons momentos da vida", e a própria facilidade de obter o produto, tanto pela disponibilidade quanto pela variedade e baixo preço, tornam o álcool uma droga atrativa, acessível e presente nas mais diferentes formas no universo juvenil⁽¹⁰⁾. Além disso, tanto as famílias como a sociedade, aceitam com certa naturalidade um jovem consumir bebidas alcoólicas. Pode ocorrer alguma censura se houver abuso no consumo, mas seu uso na família é bem tolerado.

Ninguém se torna alcoolista da noite para o dia. A criação de dependência é um processo lento, que vai acontecendo sem que o indivíduo se dê conta. O conceito mais difundido sobre alcoolismo é que se trata de uma doença lenta, progressiva e incurável⁽¹⁾.

As conseqüências que o alcoolismo traz para a família e para a sociedade são vistas como as mais danosas. Acidentes, mortes prematuras, desintegração familiar e violência doméstica são alguns desses malefícios. A dificuldade de entender por que as pessoas ingerem bebidas alcoólicas em demasia nos instigou a realizar o presente estudo, tendo como objetivo identificar o consumo de álcool

entre os estudantes de Enfermagem de uma Universidade do Oeste de Santa Catarina. Acreditamos que este estudo poderá somar-se com os já realizados e contribuir para a identificação do uso de bebida alcoólica entre estudantes de nível superior, aí incluídos futuros profissionais da saúde, que inevitavelmente deverão cuidar de pessoas acometidas pela doença do alcoolismo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo é de abordagem quantitativa e foi realizado com 100 dos 148 alunos regularmente matriculados em um curso de graduação em Enfermagem de uma universidade situada no Oeste de Santa Catarina, no segundo semestre de 2005. A ausência de 48 estudantes na universidade na semana da coleta de dados foi o motivo da não-participação destes no estudo.

O sexo feminino prevaleceu entre os participantes, totalizando 90 mulheres e dez homens. Dos participantes, 20% têm entre 18 e 20 anos e os demais estão entre os 21 e 31 anos. Apesar de não ser regra geral, é esperado que o jovem ingresse na universidade em torno dos 18 anos. Isto depende, entre outros fatores, das oportunidades de acesso ao curso almejado. Percebe-se que os estudantes de Enfermagem do presente estudo estão dentro da previsão daqueles que conseguem ingressar cedo na Universidade. Dos 100 estudantes que responderam ao questionário, 35% são casados, 15% vivem em relacionamento de concubinato e 50% são solteiros.

A técnica de coleta de dados foi a aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas, contendo os seguintes itens: idade, sexo, estado civil, religião, idade com que consumiu bebida alcoólica pela primeira vez, tipo de bebida que mais consome, local onde costuma beber, se já ficou embriagado(a) alguma vez, se tem algum familiar dependente de bebida alcoólica e o local onde iniciou o consumo de álcool.

Atendendo aos preceitos éticos, o presente estudo foi construído à luz da Resolução n.º 196/96 do Ministério da Saúde⁽¹¹⁾, que contempla diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa que envolva seres humanos. Foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino e por ele aprovado. Os

participantes foram esclarecidos sobre os objetivos, sigilo e anonimato e foi-lhes permitido tomar a decisão de aceitar participar da pesquisa ou não.

A aplicação do questionário foi coletiva, em sala de aula, com a presença do professor responsável pela disciplina do dia. As pesquisadoras permaneceram no local e recolheram os questionários logo depois de preenchidos. A coordenação do curso de Enfermagem e o professor que ministrava a aula no momento da coleta de dados permitiram a aplicação do questionário.

Após a coleta de dados, os resultados foram organizados na ferramenta Excel do pacote Microsoft, analisados e apresentados em gráficos e discutidos com base na literatura consultada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos acadêmicos entrevistados 60% são católicos, 25% são evangélicos, 5% luteranos e 10% não se enquadram nessas denominações religiosas. Na religião católica não se tem informação quanto à proibição do uso do álcool; no entanto, os evangélicos proíbem seu uso, com a intenção de preservar o ser humano dos malefícios que este causa. A relação entre religiosidade e uso de álcool tem sido objeto de algumas investigações, que apesar de escassas, têm identificado que jovens praticantes de atividades religiosas tendem a um menor uso de álcool⁽¹²⁾.

Um estudo realizado com jovens seguidores de diferentes religiões identificou que o uso de álcool era significativamente menor entre os protestantes (50%) em relação aos católicos (75,2%), espíritas (75,0%) e ateus (94,5%), o que levou o autor a concluir que o uso de álcool é modulado por normas, valores e práticas grupais, tanto do grupo familiar como no extrafamiliar, como amigos e religião.

Ao investigar o início do uso de bebida alcoólica, constata-se que 30% dos estudantes nunca beberam nenhum tipo de bebida alcoólica, destes apenas um é do sexo masculino, 10% consumiram bebida de álcool pela primeira vez com 20 anos; sendo que, 7% são do sexo masculino. Dos entrevistados 56% o fizeram entre os sete e 17 anos e 4%, com seis anos de idade. Diante de um número em que as mulheres

representam a maioria, percebe-se que o consumo de álcool é significativo entre elas, como também um início precoce do seu uso.

Segundo estudo sobre práticas de ingestão de bebida alcoólica entre os calouros de 14 universidades de Massachusetts – EUA, 56% dos homens e 35% das mulheres respondeu ter-se embriagado no mínimo uma vez nas últimas duas semanas anteriores à pesquisa. Somados a este fato, relataram envolvimento em atividades sexuais não planejadas, além de ter dirigido alcoolizadas e algumas em companhia de motoristas alcoolizados. Na mesma pesquisa, há também a indicação de que o uso excessivo de álcool está associado à dificuldade de adaptação dos universitários, dificuldade de relacionamento e insegurança, talvez por estarem em uma fase de transição de vida⁽¹³⁾. Ressalta-se que a dificuldade de adaptação na nova cidade, no meio acadêmico, com novos colegas, também foi mencionado pelos respondentes do presente estudo.

Em relação ao consumo de álcool há ainda uma pequena diferença entre homens e mulheres⁽³⁾. O alcoolismo feminino é mais freqüente do que se imagina, no entanto os casos não são fielmente divulgados, ficando na maioria das vezes o homem como alcoolista⁽¹⁴⁾.

Em relação aos tipos de bebidas alcoólicas mais consumidas, observou-se que 30% dos estudantes têm preferência pela cerveja, seguida pelo vinho (15%) e pelos destilados. Observa-se também que 10% dos acadêmicos consomem mais de um tipo de bebida alcoólica. A cachaça não é a bebida mais consumida no Brasil, conforme o propagado, sendo que a cerveja aparece em primeiro lugar, com 54 litros *per capita*/ano; depois vem a cachaça, com 12 litros *per capita*/ano, seguida pelo vinho, com 1,8 litros *per capita*/ano⁽¹⁵⁾. O Brasil apresentou um crescimento de 74,5% no consumo de bebidas alcoólicas entre as décadas de 1970 a 1990, confirmando que 10% da população brasileira já é considerada alcoolista e que este percentual vem crescendo⁽¹⁰⁾.

Os participantes do estudo não mencionaram a cachaça como a bebida preferida. Possivelmente a preferência pelo vinho tenha relação com a cultura italiana própria da região onde foi desenvolvido o estudo. As famílias de origem italiana possuem tradição de beber vinho,

inclusive na primeira refeição matinal. Entendem que, tomado em dose certa, é benéfico ao sistema cardiovascular, atuando também na tonificação muscular da pessoa; entretanto quando ingerido de forma descontrolada, todos os benefícios tendem a desaparecer⁽¹⁶⁾.

Em relação aos locais onde habitualmente consomem bebida alcoólica, identificou-se que 20% bebem quando estão em festas ou bares, seguidos de 15% que o fazem quando estão em casa e em festas e de 5% que bebem na universidade. Destes, 4% são do sexo feminino e 1% do sexo masculino, o que vai ao encontro da afirmação do autor⁽¹⁾, que destaca o consumo de álcool também pelas mulheres.

No estudo sobre alcoolismo na mulher⁽¹⁷⁾, também foi identificado esta tendência. Trata-se de uma doença “democrática”, que atinge todas as classes e segmentos sociais, não existindo até então nenhuma comprovação de personalidade pré-alcoólica, ou que tenha que ser homem ou mulher para desenvolver o alcoolismo.

Observa-se que 62% dos acadêmicos em estudo já ficaram alcoolizados e desses, 57% não se lembram o número de vezes que isto o correu. Os que responderam nunca ter-se embriagado perfazem o percentual de 38%. Três mulheres ficaram embriagadas quatro vezes e duas apenas uma vez. Oito homens confirmam que já ficaram embriagados, mas não lembram quantas vezes. Das mulheres, 48 também não lembram quantas vezes ficaram embriagadas. Este dado é preocupante, dada a faixa etária e o sexo dos respondentes. O alcoolismo acontece gradativamente e leva em torno de 15 anos para se instalar no organismo⁽¹⁾. Diante das respostas, entende-se a necessidade de desenvolver uma consciência e apoio às pessoas que estão iniciando a ingestão de bebida alcoólica, informando sobre suas conseqüências futuras.

Observou-se que metade dos estudantes não possui nenhum parente consanguíneo que seja dependente de bebida alcoólica. Os demais, 15% relata que o pai é alcoolista, 13% que a mãe, 20% tios e avós e 2% irmãos.

Os fatores genéticos desempenham um papel significativo no alcoolismo⁽¹⁾. A suscetibilidade de natureza genética para o alcoolismo é apenas um dos fatores de risco, entretanto, é

um fator que deve ser levado em consideração como um coadjuvante importante⁽¹⁰⁾.

Apesar de ainda haver polêmica a respeito, existem características genéticas que favorecem o desenvolvimento da dependência para algumas pessoas. Assim, sabe-se que a origem do alcoolismo é de ordem multifatorial, envolvendo causas psicológicas, socioculturais (ações do estresse no ambiente de trabalho, tipo de ocupação, fatores étnicos) e biológicas, que estão ligadas a teorias metabólicas e genéticas⁽⁸⁾.

O resultado mostra que 65% responderam que foi na família o primeiro contato com bebida alcoólica, o que vai ao encontro dos autores^(2,5,17), quando afirmam que o primeiro contato geralmente se dá no próprio contexto familiar, passando assim a fazer parte de todas as comemorações e confraternizações. Dependendo da cultura, percebe-se que é na família que se dá maior ou menor valorização a esse ritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso exagerado de bebida alcoólica por estudantes universitários representa um alerta, um perigo e – por que não? – um problema de saúde pública. A tarefa de prevenir o uso abusivo de álcool entre os estudantes universitários pode não ser tarefa fácil. Essa população, na sua grande maioria, saiu de casa pela primeira vez e começa a vivenciar outras experiências, sendo o álcool um coadjuvante preferido para “suportar” os novos desafios. Aliada a isso, há uma propaganda poderosa dirigida, principalmente, para jovens que desejam pertencer a um ambiente social e ser aceitos por seus pares.

Neste estudo, 70% dos participantes consomem bebida alcoólica. Destes, 62% confirmam que já ficaram embriagados e 57% não lembram quantas vezes. Foi na família que 65% dos respondentes iniciaram o consumo de álcool. Em relação aos locais de consumo de bebida alcoólica, pode-se observar que em 20% dos casos este se dá em bares e festas e em 5% na universidade. Somos sabedores de que é proibida a comercialização de bebida alcoólica em estabelecimentos escolares de qualquer grau de ensino e em quaisquer outros locais destinados a crianças e jovens. No espaço da universidade estudada existe o fornecimento de produtos alcoólicos para os estudantes e o Decreto-Lei n.º 28.643, de agosto de 1998, é ignorado.

A bebida preferida entre os estudantes é a cerveja, seguida do vinho e de destilados.

O que mais nos chamou a atenção é o número de mulheres que estão consumindo álcool. Não foi encontrado nenhum alcoolista, mesmo porque não era o objetivo do estudo e também porque a idade dos participantes ainda não permite essa identificação. Sabe-se que o alcoolismo é uma doença que geralmente leva de quinze a vinte anos para se instalar e que a passagem do beber sem problemas ao alcoolismo não se faz do dia para a noite, é um processo que admite uma longa interfase.

Os dados apresentados no presente estudo sugerem alguns pontos fundamentais: é notória a necessidade de se dar mais ênfase aos estudos com universitários, não somente para ampliação de resultados, mas também para a renovação sistemática dessas pesquisas. Já é aceito que o álcool tem contribuído para a etiologia e manutenção de vários problemas econômicos, sociais e de saúde em nosso país, daí a necessidade de mais estudos que busquem desenvolver o apoio e a consciência de pessoas sadias ou atingidas direta ou indiretamente pelo alcoolismo, para evitar os efeitos nocivos de seu uso descontrolado.

É preciso esclarecer as origens sociais e pessoais do consumo de álcool, como também que o alcoolismo é uma enfermidade crônica, incurável, embora seja possível o seu tratamento. Entendemos que um trabalho educativo deve ser prioridade nos meios mais propensos, e que esse trabalho deve se isentar de toda conotação moralista, pois defendemos que o alcoolista é um indivíduo que necessita de ajuda.

Encerramos um estudo em apenas um dos 25 cursos existentes na universidade sede da pesquisa. Cremos ter alcançado o objetivo central, que era identificar o consumo de álcool entre os acadêmicos de Enfermagem. Infelizmente, conclui-se que esse consumo está além do desejado. A adesão à bebida alcoólica está constatada. Cabe agora fazer algo concreto, como investigar a venda de bebidas alcoólicas na universidade e lançar um programa educativo e esclarecedor sobre alcoolismo. A divulgação do resultado do presente estudo poderá ser um recurso para iniciar tal proposta.

ALCOHOL CONSUMPTION AMONG NURSING SCHOOL STUDENTS IN A CITY OF WESTERN SANTA CATARINA STATE

ABSTRACT

This quantitative research was developed with 100 Nursing degree students at a university located in western Santa Catarina State, Brazil. The purpose was to identify the consumption of alcohol among the students. Data was collected through a questionnaire applied and analyzed by the researchers, based on researched literature. The age of students varied from 18 to 31 years old, with the pre dominant age being 21. From 100 students, 90 are female and 10 male. Most of them are single, and the Catholic religion is dominant. It was discovered that 30% of them have never drunk alcoholic beverages. Of those who have, most started drinking at around ages 12 to 16, with exception of four of them, who started when they were six years old, and five of them at age seven. The students first drank within the family environment. 62% of them have gotten drunk, and 57% do not remember how many times. It was also noticed that most of them drink with friends and relatives, mainly in pubs and parties. The most consumed drink is beer, followed by wine and distilled drinks, which are consumed inside the university by students, without any control.

Key words: Alcoholism. Students nursing. Alcohol drinking.

CONSUMO DE ALCOHOL ENTRE LOS ALUMNOS DEL CURSO DE ENFERMERÍA UBICADA AL OESTE DE SANTA CATARINA

RESUMEN

Trata de una investigación cuantitativa desarrollada con 100 alumnos del curso de Enfermería en una Universidad ubicada al Oeste de Santa Catarina. El objetivo fue identificar el consumo de alcohol entre los alumnos. Los datos fueron colectados a través de cuestionario aplicado por las investigadoras, y analizados con base en la literatura pesquisada. La edad de los participantes varió de 18 hasta 31 años, prevaleciendo la edad de 21 años. De los participantes, 90 son del sexo femenino y 10 del sexo masculino. La mayoría es soltera y la religión católica es la que prevalece. Se constató que 30% de los participantes nunca consumieron bebida alcohólica. De los que ya consumieron bebidas alcohólicas, la edad inicio fue entre los 12 y los 16 años, con excepción de 4 personas que empezaron con 6 años, y 5 con 7 años. El espacio donde el entrevistado ha bebido por primera vez fue en la familia. De estos, 62% ya quedaron embriagados y 57% no recuerdan cuantas veces. Fue constatado también que la mayoría de los alumnos acostumbra beber en compañía de los amigos y de parientes, de preferencia en bares y en fiestas. La bebida más consumida es la cerveza, seguida del vino y de bebidas destiladas, y es consumida en el espacio de la Universidad por los alumnos sin ningún control.

Palabras clave: Alcoholismo. Estudiantes de Enfermería. Consumo de bebidas alcohólicas.

REFERÊNCIAS

- 1 Vaillant GE. A história natural do alcoolismo revisitada. Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.
- 2 Fonseca AG. Drogas: não caia nessa! 6ª ed. Aparecida (SP): Santuário; 2002.
- 3 Cotrin BC. Drogas: Mitos e Verdades. 7ª ed. São Paulo: Ática; 2002.
- 4 Laranjeira R, Pinsky I. O alcoolismo. 5ª ed. São Paulo: Contexto; 2001.
- 5 Paula WK. Drogas e dependência química: noções elementares. Florianópolis: Papa-Livro; 2001.
- 6 Domeller C. Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2002.
- 7 Mantelli M. Consumo de Álcool entre adolescentes: causas e conseqüências [Trabalho de Conclusão de Curso]. Concórdia: Curso de Enfermagem da Universidade do Contestado; 2004.
- 8 Vaissman M. Alcoolismo no trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2004.
- 9 Cavalieri ALF, Egypto AC. Drogas e prevenção: a cena e a reflexão. São Paulo: Saraiva; 2002.
- 10 Ramos SP, Bertolote JM. Alcoolismo hoje. Porto Alegre: Artes Médicas; 1997.
- 11 Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Resolução n.º 196/96. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF); 1996.
- 12 Dalgalarrondo P. Religião e Uso de Drogas por Adolescentes. [Acesso em 5 set. 2005]. Disponível em: <http://www.adroga.casadia.org/news/religiao>.
- 13 Wechsler H, Isaac N. "GE" drinkers at Massachusetts colleges: prevalence, drink style, time trends, and associated problems. J Am Med Assoc. 1992;267:2929-31.
- 14 Masur J. O que é alcoolismo? 2ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1991.
- 15 Galduróz JCF, Caetano R. Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. Rev Bras Psiquiatr. 2004;26(Supl I):3-6.
- 16 Penã-alfaro AA. Alcoolismo: os seguidores do Baco. São Paulo: Mercury; 1993.
- 17 Stamm M. Alcoolismo Feminino e Família [Tese]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2005.

Endereço para correspondência: Mariestela Stamm, Rua Marechal Deodoro, 1000, apto 101. CEP: 89700-000, Concórdia, SC. E-mail: estela@netcon.com.br.

Recebido em: 03/08/2006

Aprovado em: 14/05/2007